

O DAEFI UFRGS DISCUTINDO ESPORTE: O RELATO DA EXPERIÊNCIA DOS JOGOS DA UFRGS

Eduardo Gottems Pergher
Pedro da Silva Silveira

RESUMO

O objetivo do texto é a socialização da experiência dos Jogos da UFRGS, que surge a partir da discussão de esporte realizada pelo Diretório Acadêmico de Educação Física da UFRGS. Apresentaremos um pouco da história das gestões que encabeçaram a discussão que levou aos Jogos da UFRGS. Passaremos, após esse momento, ao início das discussões acerca do esporte feito na entidade, das formas de organização da entidade que auxiliaram na apropriação dessa discussão na perspectiva crítico superadora. Ao final, socializaremos uma experiência prática concreta que surge a partir dessa discussão: “Os Jogos da UFRGS: Compete a ti participar”.

Palavras-chave: Movimento estudantil; Educação Física; Esporte.

ABSTRACT

The objective of this text is the social experience of UFRGS games, which arises from the discussion of sport carried out by Academic Directory of Physical Education (DAEFI), UFRGS. Also have some of the history of management, which led to discussion that led to the UFRGS games. We, after that time, to the beginning of discussions on the topic of sports done in DAEFI, forms of organization of the entity that helped in the ownership of this discussion in perspective critical perspectives. After, socialize a concrete experience that arises from this discussion: "The UFRGS games: "It's up to you to participate."

Keywords: Student Movement, Physical Education, Sports

RESUMEN

El objetivo de este texto es la experiencia social de los juegos, la UFRGS, que surge de la discusión del deporte realizado por Directorio Académico de la Facultad de Educación Física (DAEFI) de la UFRGS, Presentaremos un poco de la historia de la gestión que llevó a la discusión que llevó a los Juegos de la UFRGS. Nosotros, después de ese momento, para el inicio de los debates sobre el tema de hacer deporte en la DAEFI, las formas de organización de la entidad que ayudó en la propiedad de este debate en la perspectiva superadora de la crítica. Después, socializar una experiencia concreta que se deriva de este debate: "Los Juegos de la UFRGS: "Te compite participar".

Palabras clave: Movimiento Estudiantil, Educacion Fisica, Deportes

As gestões que propuseram o debate dos Jogos da UFRGS.

A partir da necessidade de reaproximar a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) do Movimento Estudantil, inicialmente de Educação Física (MEEF) de forma orgânica, um grupo de estudantes se organiza e disputa as eleições de 2004 do Diretório Acadêmico de Educação Física¹ com o objetivo de “movimentar” a ESEF. Ao término desta eleição assume a direção da entidade essa chapa, cujo nome era “ESEF em Movimento”.

Passado o primeiro ano, na busca de continuidade do trabalho desenvolvido pela gestão anterior, alguns componentes da antiga gestão organizam a chapa de situação, para disputar as eleições de 2005, intitulada “Movimento Consciente”. O objetivo dessa “segunda gestão” era atuar no processo de formação crítica dos estudantes, a partir da análise da conjuntura da ESEF, entendendo a necessidade de apresentar possibilidades pra além do que era apresentado pelos professores nas salas de aulas, porém, tendo claro que não poderíamos cair no ativismo, tendo assim uma prática consciente. O subsídio que nos proporcionou isso foi a aproximação com as discussões do movimento estudantil no âmbito nacional, tanto da Educação Física, como de caráter geral, e dessa forma, não apenas nos apropriando, mas começando a formular também para o movimento estudantil.

A partir dessas constatações é que sentimos a necessidade de discutir de forma crítica os diversos temas dentro do DAEFI. Como as discussões se davam de forma isolada por determinadas pessoas do coletivo, foi criado o Grupo de Estudos, como tentativa de se socializarem tais estudos. A partir de setembro de 2005, semanalmente, estudantes de Educação Física, integrantes ou não do DAEFI, se encontravam para tratar de assuntos pertinentes à formação em Educação Física, assim como discussões de âmbito geral². A escolha dos temas acontecia a partir de um planejamento estratégico, tendo em vista as demandas e atividades que a entidade estaria se envolvendo no período pré-estabelecido. Como metodologia, alguns estudantes se responsabilizavam por aprofundar o estudo de determinado tema, e o apresentavam aos demais, e, em seguida, propiciavam uma discussão. Esse Grupo de Estudos se solidificou ao longo dos anos e tem contribuído com a apropriação de diversas discussões, não somente por parte dos integrantes do Diretório Acadêmico, mas também dos demais estudantes da ESEF que têm interesse pelos assuntos abordados e debatidos no grupo. Diversas foram às intervenções a partir do grupo de estudos, em que nos utilizávamos dele para aprofundar na discussão teórica para nossas ações enquanto movimento estudantil organizado.

O debate crítico do esporte ganha espaço com o Grupo de Estudos, e acaba por tornar-se pauta prioritária entre outras, sendo discutido também em reuniões ordinárias e extraordinárias, pois percebemos que o debate crítico em relação a esse tema, dentro do movimento estudantil da UFRGS era nulo, bem como estava debilitado nas instâncias do MEEF, sendo pautado nos encontros estudantis porém em segundo plano.

A Discussão de Esporte no DAEFI

1 Embora o Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach sugira a sigla DAPH (como em seu registro), talvez para melhor situá-lo entre os demais Diretórios da UFRGS, a sigla que vem sendo utilizada a algum tempo é DAEFI, remetendo a Diretório Acadêmico de Educação Física. Em nosso estudo utilizaremos essa denominação

2 Temas como regulamentação da profissão, diretrizes curriculares, saúde coletiva, trabalho, esporte, socialismo, reforma universitária, ações afirmativas entre outros foram tratados.

A discussão do esporte, como já dito anteriormente, ganha *peso* a partir da organização do Grupo de Estudos, porém tem um processo que é central nesse período. No primeiro semestre de 2005 o DAEFI, conjuntamente com representantes de turmas de Educação Física da faculdade, organiza um torneio interno na ESEF/UFRGS, chamado de Interbarras. Os objetivos traçados pelo DAEFI, e apresentados a estudantada, eram: fazer uma atividade de integração entre alunos, funcionários e professores da escola; promover a apropriação do espaço público da ESEF; e incentivar a reflexão sobre as possibilidades de uso desse espaço. Esse torneio interno se pautava na competição entre as turmas e na busca pela maior pontuação para ganhar as medalhas e os troféus de campeão. Apesar da proposta trazer atividades como mostras culturais de capoeira, dança e música, a centralidade estava nas modalidades esportivas.

A avaliação dessa atividade constatou que, dentre os objetivos traçados pelo DAEFI, a questão da competitividade tomou uma grande proporção, se sobressaindo e *sufocando* o principal objetivo de integração.

A partir dessa reflexão, iniciamos a discussão sobre a crítica ao esporte. Essa discussão ganha espaço em reuniões do Diretório, após, surgem espaços de “fôlego”, destinados a discussão dessa pauta como central. O Grupo de Estudos auxiliou também nas discussões, pois buscávamos fazer a relação dos temas de uma forma mais ampla, com a sociedade, a educação física, o esporte.

Um pouco de debate sobre esporte

Entendemos o esporte enquanto fenômeno social, inserido nas manifestações da cultura corporal, construído historicamente pelo homem. O esporte não pode ser estudado de forma isolada, pois nasce³ em determinado contexto que tem interferência direta do mesmo enquanto fenômeno, adotando para si valores do sistema dividido em classes antagônicas: burguesia e proletariado (Marx e Engels, 2001). Sendo assim a luta da classe trabalhadora consiste em melhorias na condição de trabalho, garantia de direitos trabalhistas, necessidade de sobrevivência, luta pelo emprego e a tomada da direção da sociedade através da luta política a fim de chegarmos numa sociedade justa e realmente igualitária. A burguesia por outro lado, tende a buscar cada vez mais acumular riquezas, exploração dos recursos naturais cada vez mais escassos, ampliação do consumo e patrimônio entre outros, mantendo assim o status quo, garantindo dessa forma a qualidade de vida e os privilégios apropriados do produto do trabalho da classe trabalhadora, possuindo assim o poder econômico, moral, intelectual e político da sociedade. Dessa forma a burguesia busca garantir seus interesses de todas as formas, inclusive no esporte, inserindo-nos mesmos valores da sociedade do capital. A partir dessa constatação e dos elementos elencados acima conseguimos objetivamente situar o esporte e os valores que são reproduzidos através dele cotidianamente. Determinados eixos centrais que norteiam o esporte hoje são convergentes com os que norteiam a sociedade pautada no lucro e na exploração: recorde - a busca incansável por uma marca, dessa forma tornando o esporte algo mensurável; regulamentação - as regras do esporte acabam por serem implementadas, determinadas e engessadas por organismos

3 Em relação à discussão da história do esporte, temos duas vertentes que divergem nessa questão: uma defendendo a tese da continuidade, alicerçada por autores como Guttmann e Mandell, e outra defendendo a tese da ruptura, onde autores como Elias e Dunning advogam em favor dessa. Porém as duas vertentes convergem no sentido de entender a Revolução Industrial como nascedouro para o esporte que conhecemos hoje, esporte dito moderno.

internacionais; rendimento - o atleta tem que dar tudo pela vitória comprometendo assim sua própria saúde por um resultado; segregação - onde existe a exclusão de quem não tem a habilidade motora necessária para a prática, ou por questões de sexo, ou por questões de estética; individualismo - onde o resultado só depende de você mesmo, um dos valores essenciais da sociedade capitalista, glorificando sempre alguns e mitificando nomes que servem como referências, sempre em detrimento dos demais; igualdade de chances - todos tem as mesmas chances para atingir o resultado, porém não há espaço para todos nessa lógica; competição - o esporte passa a ser praticado contra e não mais com, perdendo dessa forma o sentido da prática; comparação - os resultados são comparados, sendo o pódio o símbolo supremo, onde há uma escala de posições de resultados; especialização - privilégio de determinadas características em detrimento de outras, perdendo uma vivência mais ampla

O mundo para apreciando duelos esportivos, sejam na Copa do Mundo de Futebol ou no Jogos Olímpicos. São com esses jogos e outros que os governos se utilizam do esporte para auto-promoção, auto-afirmação enquanto potências, e também para mascarar problemas sociais e econômicos. No Brasil, em um certo espaço de tempo, de quatro em quatro anos, mais especificamente na realização da Copa do Mundo de Futebol, os problemas do nosso país *somem momentaneamente*. A intervenção do Estado no esporte é intensa, como observa Bracht (2005), elucidando o fato do esporte ser objeto de atenção do Estado no sentido de garantir a reprodução do capital, função básica do Estado na sociedade capitalista. Para Cavalcanti, “o Estado utiliza de certa forma consciente o espetáculo esportivo com fins políticos, tendo em vista um obscurecimento ideológico e procurando camuflar ou embelezar a realidade social” (1984, p. 53).

O que evidenciamos a partir das nossas discussões, é que o esporte, enquanto produção histórico-cultural, não é uma instituição autônoma, pois “subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e por isso não pode ser afastado das condições a ela inerentes (COLETIVO DE AUTORES, 2005, P. 70). Na mesma linha, Bracht (1986, p.64) auxilia na discussão, dizendo que “precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização no esporte, estão relacionados com o sistema de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte”.

Entendendo o esporte com funções estabelecidas, enquanto reprodutor dessa realidade, Brohm tece críticas nesse sentido, caracterizando o esporte moderno como a reprodução da sociedade capitalista, explicitando essa tese ao afirmar que o “desporto é uma parte integrada na totalidade concreta: a sociedade capitalista e seu dinamismo”, sendo que a “sua função social e política (...) lhe é ditada pelo lugar que ocupa dentro da totalidade de relações sociais” (1978, p. 18).

A análise do currículo da nossa escola também auxiliou no processo de discussão, pois o esporte enquanto conteúdo prioritário, toma proporções que sufocam as demais manifestações da cultura corporal. A maioria das disciplinas práticas remetem as modalidades esportivas, e quando não o fazem isso, abordam determinadas práticas corporais na perspectiva da esportivização.

A partir dessa discussão, afirmamos que o esporte não é uma ilha isolada do resto do mundo capitalista como alguns otimistas afirmam, e por outro lado acreditamos também que o esporte não está totalmente submerso na sociedade, como outros pessimistas defendem, entendendo assim possibilidades de intervenções que venham a questionar e problematizar os valores, códigos, significados difundidos pelo esporte na sociedade. Nos alinhamos assim a formulação acerca da Reinvenção do Esporte, em

que Sávio de Assis é categórico ao dizer que “o esporte traz consigo, na sua origem, a cultura do povo modificada em produto de consumo. Traz consigo possibilidades contraditórias, estabelecidas em sua prática dinâmica, de forma que é possível enfatizar situações que privilegiem a solidariedade sobre a rivalidade”(2005, p. 196). O mesmo defende que devemos pautar “mudanças que venham a alterar a atual dinâmica do esporte, essencialmente competitiva e aparentemente lúdica, para uma outra, qualitativamente distinta, essencialmente lúdica e aparentemente competitiva”(2005 p.199).

Os Jogos da UFRGS: compete a ti participar

Essa discussão juntamente com nossas formulações feitas na avaliação do interbarras, subsidiou uma ação concreta: os Jogos da UFRGS. Inicialmente, quando o Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFRGS, fica sabendo da nossa atividade, o interbarras, ele busca uma aproximação no intuito de nos envolver numa atividade maior relacionada a esportes, que abarcasse a UFRGS como um todo. Seria um campeonato entre os cursos, segundo a proposta desenvolvida pelo DCE, e respaldada pelo setor de esporte universitário da UFRGS. Com essa aproximação, avaliamos dentro do nosso coletivo, que deveríamos pautar outra proposta de atividade, que pudesse contemplar a todos e todas, praticantes ou não de atividades esportivas, em que os valores difundidos tratassem de outra ordem, garantindo que mais pessoas pudessem se apropriar da prática esportiva, conscientes da necessidade de discutir criticamente o esporte, não somente aceitá-lo como algo “natural”.

Abrimos a discussão nas instâncias do DCE, primeiramente buscando o apoio da gestão da entidade, e em seguida no Conselho de Entidades de Base (CEB), apresentando a discussão juntamente com a proposta. Sendo esta completamente revolucionária aos moldes atuais que visam principalmente à competição, o recorde, a segregação, o rendimento, entre outros, como já foi citado anteriormente. Ao iniciarmos a discussão pautávamos qual era o real objetivo do evento, e a partir das respostas que permeavam questões de socialização e integração, apresentávamos a discussão acumulada, mostrando que a forma de competição entre cursos com equipes pré definidas na busca incansável por uma premiação materializada em forma de troféu e medalha ou qualquer outro prêmio, não contribuía para a socialização e integração. Bem como a questão destas equipes que, no caso de um torneio, estariam privilegiando somente os alunos que possuíssem habilidades mínimas para que a vitória não saísse do horizonte, contribuindo para a exclusão dos menos habilidosos nos diferentes cursos. Problematicamos também em cima dos valores listados, sendo centrais na discussão, para esclarecer a necessidade de uma outra abordagem do esporte.

Na nossa proposta, dos Jogos da UFRGS, qualquer estudante, funcionário ou professor da UFRGS poderia chegar a ESEF, e apresentando o cartão da universidade, jogar a modalidade que estivesse acontecendo. O critério para a divisão dos times consistia em aqueles que tivessem o último número do cartão sendo par iam para um lado do campo, e os que tivessem o final ímpar, para o outro. Não haveria divisão nas modalidades por sexo, onde homens e mulheres jogavam juntos, de forma mista, e a pontuação não pararia, não havendo premiação ao final. Seriam dois sábados em que envolveríamos os participantes em atividades esportivas: futsal, volei, basquete e natação; mostras culturais: contorcionismo, musica, danças, capoeira, artes marciais e cinema; jogos sedentários: truco, xadrez e damas; espaço livre: ping-pong, tênis, taco, entre outros.

Após muita discussão, conseguimos aprovar a nossa proposta, que ficou intitulada: *Jogos da UFRGS: compete a ti participar*. Conseguimos apoio com diversos Diretório Acadêmicos de outros cursos da UFRGS, em que eles auxiliaram na divulgação dos jogos, que aconteceram de forma massificada, com passagens em sala em todos os campi, nas filas dos restaurantes universitários com cartazes e faixas, entrevista na rádio da universidade, materiais em jornais do DCE, reuniões explicativas em diversos Diretórios Acadêmicos, apresentando a discussão.

No entanto a adesão da proposta nos dias dos jogos, não foi em grande escala, com a participação de 109 pessoas, nos dois sábados. As pessoas que participaram das atividades porém, demonstraram grande satisfação pela proposta, considerada inovadora e avançada, pois para eles não concebiam o esporte fora dos moldes trabalhados na sociedade capitalista. Os esportes coletivos, foram os mais procurados, pois como estava chovendo nos dois sábados, o ginásio auxiliou no abrigo dos participantes. As demais atividades aconteceram também, em meio ao desenvolvimento das modalidades esportivas, sempre buscando problematizar as relações estabelecidas no esporte.

Conclusão

Com essa rápida análise do acúmulo de discussão, que levou a realização de uma proposta inovadora que abarcasse o esporte em outra perspectiva, podemos traçar algumas conclusões, que no nosso entendimento não são fechadas, mas trazem alguns apontamentos importantes para a discussão. Primeiramente o DAEFI/UFRGS, bem como do DCE/UFRGS, por mais que não se tenha atingido um grande contingente de participantes dos jogos, fizeram uma avaliação muito positiva dos jogos, sustentados na premissa da necessidade de trazermos discussões desse porte para dentro da universidade, que auxiliam a problematização das contradições da sociedade capitalista. Os participantes também esboçaram grande satisfação em participar das atividades, mostrando a necessidade da universidade privilegiar espaços como esses para que os estudantes, funcionários e professores possam se apropriar dos espaços públicos e desenvolver práticas esportivas sem a necessidade de um horizonte pré-determinado que acaba por não garantir a participação de pessoas que não possuem uma técnica avançada para “disputar” certa modalidade esportiva. Negativamente elencamos que após a *euforia* com a consolidação da proposta, divulgando ela para outras universidades, não foi garantida o espaço de discussão mais amplo do que o DAEFI/UFRGS. Conseguimos dentro da entidade dar continuidade ao debate de esporte, porém conjuntamente com o DCE/UFRGS não conseguimos estreitar mais ainda os laços em relação a essa discussão, que não foi mais pautada, mesmo após a avaliação positiva da atividade.

O que concluimos ao final desse processo, é a grande importância da formulação de possibilidades práticas para o debate acerca do esporte. A clareza acerca da dificuldade, de apresentar essas possibilidades é sabida por nós, porém sentimos a necessidade dessa problematização que venha a contribuir para que as contradições sejam expostas para que consigamos superá-las. Dessa forma afirmamos a importância que teve os Jogos da UFRGS enquanto um espaço contra-hegemônico, que trouxe um viés acerca do esporte que vem sendo cada vez mais negado dentro das nossas universidades, em que essa *carga* de discussão vem ficando *nas costas* do movimento estudantil, como espaço organizado que vem tendo que dar conta de *déficits* na nossa formação, que está cada vez mais estreita e desarticulada da prática social para auxiliar no processo de transformação da sociedade em outra, justa e igualitária.

Referencias bibliográficas

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas SP: Autores Associados, chancela editorial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Paulo: v.7 n.2, 1986.

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BROHM, Jean-Marie. Sociologia política del deporte. In: Deporte, Cultura y Represión. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1978.

CAVALCANTI, Kátia B. Esporte para todos: um discurso ideológico. SP:IBRASA, 1984.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo, São Paulo: Cortez, 2005.

DAEFI/UFRGS. JOGOS DA UFRGS: Compete a ti participar. Projeto de realização dos Jogos. 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. Manifesto do Partido Comunista. Porto Alegre: L&M, 2001.